



REDACTOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da União Operária Nacional

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração - Calçada do Combro, 36-A, 2.º

Lisboa - PORTUGAL

End. teleg. Tafmata - Lisboa • Telefone: ?

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A instrução do povo

Sabe-se bem a que ponto ver-gonhosso deixou a Monarquia chegar o iletrismo do povo, não curando de extinguir, à força de escolas, aquela pavorosa percentagem de analfabetos que equipara Portugal, no tocante a cultura popular, às mais bárbaras e atrasadas nações das cinco partes do mundo. De facto, nunca a monarquia se preocupou honestamente com o ensino. Tirante as cidades mais importantes, nas outras localidades do país ou não havia escolas ou, se as havia, estavam de portas cerradas, ao abandono, sem professores, tudo num de-sorganização profundíssima, num caos de estarrercer. Parece que os governantes da monarquia eram todos concordos com o marquês de Pombal, um dos que também supôs desproveito, novicia portentosa, a instrução das camadas populares. Certo é que este desenho imperdoável do regime depois, este crime sem possível remissão deixava um terreno propício onde o analfabetismo medrava em peias, apesar de uma lei hipócrita, publicada então, onde a obrigatoriedade do ensino se signava, não obstante contudo, a que gerações sobre gerações se sucedessem, sem a elas ter chegado um raio de luz.

Foram os tribunos republicanos os mais energicos a verberar, antes de 1910, este nefando procedimento dos monarquicos. E prestou-se o assunto, rialmente de interesse, a tiradas retumbantes, a apóstrofes patéticas, a anátemas decisivos contra a coroa e contra os seus serventários. Tornou-se já enfadonho repetir que, em instrução, não pode haver progresso, antes sendo o iletrismo uma inexorável grilheta tornar impossível a ressurreição dos povos que se deixaram tombar e decay na ignorância. Os republicanos proclamaram aos quatro ventos a necessidade primacial e urgentíssima de criar escolas, muitas escolas, como outros tantos poderosos focos luminosos, espalhados por todo o país, em cada vila, em cada aldeia, em cada logarejo, valorizando os indivíduos porque os tornava aptos, superiorizando a nação porque a tornava consciente. E bem souberam os republicanos pintar com sombrias colorações evocativas, o quadro desolador que os serviços de instrução em Portugal constituíam. Dum por menor se fez cavalo de batalha duradouro, e vinha a ser a situação miséria em que os professores primários se mantinham. O mestre-escola não gosou nunca, em território lusitano, de grande consideração social. Pagavam-lhe o esforço com dois patacos, só tarde e a más horas recebidos, a pontos de tornar-se ele, o obscuro pedagogo humilde, símbolo obrigatório para representar o fântico, o obscuro desassustido e nôsso, olvidado dos poderes públicos, ignorado de todos, ninguém lhe reconhecendo, a sério, o esforço realizado. Uma situação assim engendrou males gravíssimos, como seja, por exemplo, o de trocarem o professorado por carreira mais rendosa aqueles que para isso se sentissem capazes, ficando apenas nos estrados primários que só por dever de ofício levam no calvário a sua cruz, miserabilmente, aqueles intelectualmente impossibilitados de compreender toda a elevação do sacerdócio que a missão suprema de preparar as gerações futuras constitui — para empregar o pomposo e estafado lugar comum.

O certo é que, em obediência às leis do equilíbrio social, está o professorado primário ao apontado nível do critério governamental. Era assim outrora, e é assim hoje, pois fala a gente com os moços escolares, a respeito do funcionamento dos estabelecimentos de ensino, o logo eles nos contam, a respeito de métodos pedagógicos adoptados, a respeito do funcionamento das aulas, a respeito da mentalidade do professor, cousas prodigiosas. Não queremos significar com esta alusão que de culpas individuais se trata, reclamam-

Pela França

A situação agrícola — e Vão restabelecer-se as «cartas» de pão?

PARIS, 3.—O governo está inquieto com a situação agrícola da França e pensa em restabelecer as «cartas» de pão, terminadas as eleições legislativas. — H.

Sérvia e a Roménia assinam o tratado?

LONDRES, 8.—O correspondente do Daily Telegraph, em Paris, telegrafou ao seu jornal que se espera que a Roménia e a Sérvia assinem o tratado.

Congresso de industriais fiandeiros

PARIS, 4.—A federação internacional dos fiandeiros das fábricas de algodão reuniu-se, sob a presidência do sr. Jon Syz, suíço. A federação resolveu fazer-se representar na conferência mundial de Nova Orleans no próximo mês de Outubro, por três dos seus membros. Foram comunicados interessantes relatórios sobre as modificações introduzidas nas horas de trabalho e sobre a situação da indústria do algodão. Alguns dos membros da federação, especialmente Santiago e Trías, em nome dos produtores espanhóis, deram conta dos felizes esforços que teem empregado nos seus respectivos países.

O próximo congresso internacional deve efectuar-se na Suíça, no verão de 1920. Portugal estava representado pelo sr. Taveira. — H.

Príncipe que foge

MADRID, 9.—Dizem os jornais, que o infante D. António de Orleans, a quem o rei de Espanha impôs tutela, fugiu no domingo em automóvel em direcção a Portugal, com a intenção de dirigir a Itália. — H.

O Livro Vermelho do Terror Branco

Na pátria do reverendo autor dos 14 pontos

Adolfo Germer, secretário nacional do Partido Socialista dos Estados Unidos, dirigiu a 50 personalidades socialistas e liberais da Europa uma carta destinada a interessar a opinião popular europeia pela situação dos socialistas e sindicalistas norte-americanos, sujeitos à mais sclerada e desenredada das repressões plutocráticas.

O nosso fim, escreve Germer é chamar a vossa atenção para o deplorável estado de coisas na América, em resultado da nossa guerra vitoriosa, entendida e para garantir no mundo a democracia.

«Cremos que a classe dominante em nenhum país mostrou, em suas perseguições, uma parcialidade em favor dos ricos e ataques contra os representantes das organizações operárias como os que temos visto neste país desde o começo da guerra.

«Gracias à legislação de guerra, milhares de cidadãos foram acocoados pela imprensa plutocrática e condenados por opiniões políticas, ou pela sua atividade sindical, ou ainda pelas suas convicções religiosas. Tem sido e continua sendo infligidas condensações desmedidas, de 5 a 25 anos de prisão, não havendo indícios de apaziguamento. De facto, em vários Estados e no Congresso nacional, tem-se adoptado e estão a adoptando leis mais severas que as que existiam durante a guerra, sob o nome de Lei de Anti-sedição e outros títulos, visando particularmente as organizações e os homens de trabalho.

«Estão actualmente encarcerados mais de 2000 cidadãos, com um total de condenações que montam a cerca de 23.000 anos. Esses homens e mulheres são reconhecidos como presos políticos, mas tratados como criminosos, submetidos a indignidades que o próprio criminoso não sofre.

Germer enumera as principais vítimas da legislatura de guerra, entre elas as seguintes: Eugénio Debs, o conhecido chefe socialista, condenado a 10 anos de prisão por um discurso contra os lutadores da guerra e encarcerado numa cárcel, em Atlanta, na idade de 63 anos; Kate O'Hare, ex-secretária internacional do partido, mãe de 4 filhos, condenada a 5 anos e encarcerada em Jefferson.

O próprio Germer, aliás moderado, o deputado Vitor Berger, o escritor e orador João Tucker, Luis Engdahl, director do American Socialist, e Guilherme Kruse, secretário da Liga das Juventudes socialistas, foram condenados a 20 anos de prisão!

Na Europa, não seriam possíveis barbaridades, a não ser em tempo de revolução. São-na na terra do Reverendo Wilson, pai da raquítica e malograda Liga das Nações, o mesmíssimo que deu os famosos «Catorze pontos...». nem não. E não ha apelo que tenha merecido a atenção deste uníssimo padre-cura da democracia burguesa.

E dizer-se que houve e há socialistas intelectuais bem intencionados que tomaram a sério o wilsonismo, o novo evangelho democrático burguês, dividido em catorze versículos!

Não repetiremos agora as indizíveis atrocidades cometidas contra os grevistas e operários sindicados, especialmente contra os militares, tanto pelas autoridades como pelo patronato e pela sua polícia particular: espionagens, sequestros, assassinatos, invasões domiciliares, etc. Nem falaremos dos recentes linchamentos de negros, em alta escala.

Germer pede as organizações socialistas e operárias da Europa que escrevam ao presidente Wilson reclamando a libertação dos presos políticos.

• • •

Ainda o tratado da paz

Um discurso

PARIS, 4.—O discurso do sr. Barthou na câmara, defendendo o tratado da paz, fez sensação. Expôs a necessidade duma força organizada capaz de defender toda a humanidade, e disse que para um mundo novo impõe-se uma política nova. E' preciso que esta guerra seja a última e o nosso triunfo seja um triunfo reparador. Ao terminar ouviu-se uma salva de palmas e o sr. Clemenceau levantou-se para apresentar a mão ao orador. — H.

Prevenção de incidentes

PARIS, 3.—Os jornais são de opinião que qualquer incidente que se dé com a Roménia, por causa do tratado de paz, será momentâneo. — H.

Uma intimação à Roménia

PARIS, 9.—Informam de Viena que o sr. Renner recomenda que seja assinado o tratado da paz a fim de se evitar a prolongação do actual estado de coisas. A Áustria, acrescenta, não pode recomeçar a guerra nem continuar vivendo assim.

Insistem que a delegação România assinará o tratado, mas fará reservas sobre os direitos das minorias e a fiscalização exercida pela sociedade das Nações. Por outro lado, consta que o conselho supremo resolveu não aceitar reservas, convidando a Roménia simplesmente a assinar o tratado ou não. — H.

No México

Um protesto de Carranza

MEXICO, 3.—O presidente Carranza protesta contra a imputação que lhe é de incapacidade para defender as vidas e os bens dos estrangeiros. — H.

A reunião de Coimbra

Tudo parece indicar que o II Congresso Operário terá grande importância

Estamos apenas a três dias do Congresso da Coimbra, Congresso que se efectuará, como temos dito, nos dias 13, 14 e 15 do corrente mês, o qual sendo pelo número de associações representadas, o maior de todos quanto, se tem efectuado em Portugal, sê-lo há também, disso estamos certos, pelas resoluções que vai tomar.

O Congresso, que iniciará os seus trabalhos ás 11 horas de sábado, efectua-se na ampla sala do Ateneu Sousa Bastos.

Alguns delegados de Lisboa e do Sul do país partiram já para Coimbra, a maior parte deles para tomarem parte nos Congressos corporativos da Construção Civil e da Indústria de calçado, couro e peles, o primeiro dos quais inaugura hoje os seus trabalhos, devendo ter a sua primeira reunião amanhã, o segundo.

Ontem, conforme o convite que aqui publicámos, reuniram-se na sede da U.O. N. alguns delegados ao Congresso, que depois de várias observações sobre a possibilidade de se comprar os bilhetes com a brevidade necessária, resolveram que um camarada se avistasse hoje com a direcção da C.P. para trocar impressões sobre a aquisição dos bilhetes. Hoje, pela mesma hora, voltam a reunir aqueles delegados para tomarem conhecimento do que se houver conseguido.

Mais uma vez se lembram aos sindicatos aderentes ao Congresso que aquela reunião é de grande importância para o Congresso da Coimbra, Congresso que aínda não pagaram as suas cotas—poucos, felizmente—apesar dos instantes convítios feitos neste lugar, que os seus delegados devem ir habituados a regiões litorâneas.

Por lapso, não mencionámos ontem, no ramo comercial, a Associação dos Empregados do Comércio de Aveiro, que sendo aderente, nomeia seu delegado o camarada Mário Azevedo. Também por lapso se publicou que a Associação dos Corticeiros de Sines nomeia seu representante João Serra Júnior, quando esse camarada representa a Associação dos Corticeiros de Lisboa.

Devendo a comissão organizadora partir para Coimbra amanhã, ficam mais uma vez prevenidos os sindicatos de que toda a correspondência deve ser enviada para aquela cidade, sede da U.S.O.

A Associação dos Corticeiros do Seixal preguntou à comissão a que horas deve partir o delegado para Coimbra. Esta pergunta demonstra a poeira atingente com que alguns delegados acreditam que os sindicatos aderentes ao Congresso da Coimbra representam a Associação dos Corticeiros de Sines nomeia seu representante João Serra Júnior, quando esse camarada representa a Associação dos Corticeiros de Lisboa.

Por isso, voltamos a repetir que os delegados podem seguir para Coimbra amanhã ou depois, no combóio das 10 ou no dia 21, sendo, porém, indispensável que façam todo o possível por seguir, quando de todo em todo não possa ser antes, pelo menos nos combóios de sexta feira, para o que precisam tirar bilhete de véspera.

• • •

Transportes

Federación dos Transportes, Agostinho da Silva; Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, Miguel Correa, Afonso Guerra e José P. Fernandes; União Ferroviária do Porto, Carlos Silva Gutierrez, Bernardo P. Costa, José P. Coelho Júnior; Empregados Menores dos Correios e Telégrafos, Agostinho da Silva, Pinheiro e José F. dos Santos; Liga das Artes de Viação do Pórtico, Joaquim José Silva; Carris de Ferro de Lisboa, António da Silva; Chauffeurs do Pórtico; Condutores de Carruagens de Lisboa, Maximiano Marques; Frangatéis do Pórtico de Lisboa, José Magalhães Carvalhal; Estivadores do Pórtico de Lisboa, João Ferreira; Inscrições Marítimas de Lisboa, Alfredo Oliveira Mendes; Descarregadores de Mar e Terra de Lisboa, José Ramos da Silva, Domingos Ildefonso e José Araújo; Descarregadores de Mar e Terra do Pórtico, António da Silva; Manipuladores de Fossos da Marinha Grande, José Azambuja; Manipuladores de Cerials de Lisboa, José Luís Ferreira; Operários da Casa da Moeda, Manuel Inácio; Manipuladores de Pão de Lisboa, Francisco Domingos Vasques; Hospitais Civis, Abel da Cruz, António Lopes Rodrigues, Julio Rasteiro; Empregados do Estado de Lisboa, Sebastião Engélio, Nogueira de Brito, Sobral de Campos; Pessoal dos Tabacos, Eduardo Jorge; Indústria de Carruagens de Lisboa, Jaime Martins; Operários da Manutenção Militar de Lisboa, Manuel Rodrigues Pereira, Sébastião Eugenio, José Ferreira; Operários Cordelheiros de Faro, António Pedro Cabeleira; Oficiais e Costureiros das Alfaiates do Pórtico, António Cardoso; Alfaiates de Lisboa, Matheus Justino de Oliveira; Manipuladores de Fossos do Pórtico, José Agueda; Manipuladores de Fossos de Lisboa, Eduardo Jorge; Manipuladores de Farinhas do Pórtico de Lisboa, Ernesto Simões dos Santos, José Maria Padrinha; Operários do Municipio de Coimbra; Trabalhadores de Mar e Terra de Viana do Castelo, José Carvalhal.

Unões Locais

U. S. O. de Lisboa, Alberto Monteiro, Francisco Viana, Alfredo Marques; U. S. O. do Pórtico, Julio Campos; U. S. O. de Coimbra; U. S. O. de Évora, João Bernardo Alcanha; U. S. O. de Barreiro, José Tavares Rodrigues; Marinheiros e Mogos da Marinha Mercante de Lisboa, Alfredo Oliveira Mendes; Descarregadores de Mar e Terra de Lisboa, Artur Augusto Machado; Fogueteiros de Mar e Terra de Lisboa, José Ramos da Silva, Domingos Ildefonso e José Araújo; Descarregadores de Mar e Terra do Pórtico, António da Silva; Carris de Ferro de Lisboa, António da Silva; Chauffeurs do Pórtico, José Tavares Rodrigues; Condutores de Carruagens de Lisboa, Maximiano Marques; Frangatéis do Pórtico de Lisboa, José Magalhães Carvalhal; Estivadores do Pórtico de Lisboa, João Ferreira; Inscrições Marítimas de Lisboa, Alfredo Oliveira Mendes; Descarregadores de Mar e Terra de Lisboa, José Ramos da Silva, Domingos Ildefonso e José Araújo; Descarregadores de Mar e Terra do Pórtico, António da Silva; Manipuladores de Fossos da Marinha Grande, José Azambuja; Manipuladores de Cerials de Lisboa, Jaime Martins; Operários da Manutenção Militar de Lisboa, Manuel Rodrigues Pereira, Sébastião Eugenio, José Ferreira; Operários Cordelheiros de Faro, António Pedro Cabeleira; Oficiais e Costureiros das Alfaiates do Pórtico, António Cardoso; Alfaiates de Lisboa, Matheus Justino de Oliveira; Manipuladores de Fossos do Pórtico, José Agueda; Manipuladores de Fossos de Lisboa, Eduardo Jorge; Manipuladores de Farinhas do Pórtico de Lisboa, Ernesto Simões dos Santos, José Maria Padrinha; Operários do Municipio de Coimbra; Trabalhadores de Mar e Terra de Viana do Castelo, José Carvalhal; U. S. O. de Olhão.

Perseguições governamentais

Realiza-se hoje, às 21 horas, na Associação de Classe dos Tanoeiros de Lisboa, rua de Marvila, 95, 1.º, uma sessão de protesto contra as violências governamentais, fazendo uso da palavra delegados da U. O. N., U. S. O., e comissão pró-presos.

Comissão pró-presos por questões sociais

Reuniu esta comissão e registou, com satisfação, o regresso ás suas terras natais, dos 10 camaradas que ainda encontravam em África, enviados para desempenhar a missão de instrução das cultimâncias do mundo, nádeas de ensino, o que não obsta a que ascendam de circunstâncias ocasionais a sua supremacia ás mãos dos que, ascendendo por circunstâncias ocasionais, a distância a que se tem conservado as classes intelectuais das outras classes trabalhadoras, é proveniente dum grande preconceito, inteiramente injustificável.

Os que trabalham com o braço dependem dos que esforçam o cérebro, como explorado, como vítima, como todos os trabalhadores, da organização capitalista, aproxima-se da organização operária, onde está reservado o lugar que lhe compete.

Esta tese temos defendido sempre, porque a achamos da maior importância, para a transformação da sociedade, para que façam e desfaçam com a maior das semicerimónias e das incompetências.

Vai o professorado primário reconhecendo esta grande verdade, e, como consequência, o que se tem de fazer.

• • •

